

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Presidência da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.011

Quinta feira, 9 de Março de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhabe-Lisboa-Telefones 5339-0

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Foram ontem presos os grevistas da Carris, Armando Martins, José Augusto Martins e Cláudio dos Santos. E' assim que a burguesia soluciona os conflitos sociais...

PENA DE MORTE, NÃO!

Povo, cuidado! Prepara-se um crime tremendo!

Desconfiai dos inquêritos de certos jornais que, sabendo há mais tempo que A BATALHA das torpes intenções do sr. Cunha Leal, mantiveram um silêncio suspeito. Só quando A BATALHA deu o sinal de alarme a imprensa burguesa friamente se pronunciou. Ainda não houve um jornal, mesmo republicano, que abertamente repudiasse a pena de morte! Há-os até que aprovam essa monstruosidade. As forças reaccionárias pretendem dar um golpe profundo no progresso.

Não pode haver hesitações, nem subterfugios ante esta questão. Ou se apoia ou se reprova a pena de morte.

A BATALHA, o único jornal que exterioriza o sentimento do povo português,

reprova em absoluto a pena de morte!

A greve da Carris A ODIOSA LEI DA PENNA DE MORTE NÃO SERÁ RESTABELECIDA EM PORTUGAL: Porque a alma do povo vibra de indignação!

A teimosia da Carris persiste em sacrificar a população, privando-a de eléctricos; persiste em esmagar o pessoal, supondo que a vida cara e a falta de recursos o forcem a entregar-se. Da prolongação da greve espera a Companhia Carris obter a vitória. A ela se deve a actual greve, a ela se deve a prolongação do conflito.

O governo que, em tudo se intromete com rara infelicidade, assumiu neste conflito uma atitude antipática, criminosa, colocando-se deliberadamente ao lado da Carris contra a população e o pessoal.

A sua atitude é inteiramente diferente do governo que, o antecedente, que forçou a Companhia Carris a não especular obrigando-a a terminar a greve. Este governo procede de forma a prolongar a greve, a continuar privando de transportes a população, a fazer suportar sacrifícios heroicos ao pessoal da Carris.

Que interesse tem o governo em prejudicar a população, em agravar o pessoal da Carris, numa palavra: em prolongar a greve?

Para que consintiu o sr. António Maria da Silva nessa grotesca paródia, nessa troca vergonhosa, que se chama a normalização da via eléctrica?

Para que mandou militares desempenhar a antipática missão de furar a greve, de escangalhar os carros eléctricos, de produzir desastres? Para que se fez atravessar a cidade, eléctricos a passo de boi, simulando uma normalização que não existe?

Não foi certamente para beneficiar a população, mas sim para desanimar o pessoal, impressionando os mais timoratos, lançando a discórdia entre eles. Para isso não se hesitou em pôr na rua carros eléctricos, guiados por inexperienced que produziram esse longo rosário de desastres, atropelamentos, inutilização de carros.

Os frutos da normalização produziram ontem o descarrilamento dum carro depois de ter chocado com um camion, na Rocha de Conde de Obidos.

Na madrugada de ontem explodiram três bombas de dinamite, arremessadas contra outro carro, guiado por um aristocrático alferes miliciano de artilharia, que é simultaneamente engenheiro da Carris.

Continuem os defensores da Carris chamando a esta paródia, que ontem podia ter sido trágica, a normalização dos serviços! Este último incidente vai servir de tema a especulações torpes, vai servir de pretexto a invenções caluniosas. Conhecemos demasiadamente o carácter dos inimigos dos humildes e da justiça que lhes assiste, para os supormos assim.

Ninguém aparecerá nos jornais burgueses pedindo a supressão deste caótico estado de coisas, feito para beneficiar a Carris.

prejudicar a população, esmagar o pessoal. Continuarão a atacar covardemente o pessoal, insultando-o com hipocrisia. Afirmarão que o pessoal está «subjugado a meia dúzia de meneurs» a cujos maneios obedece. Isto equivale a chamar-lhe carneiros, a ofendê-lo na sua dignidade, enquanto, por outro lado, os vão aconselhando a trair os seus companheiros, a abandonar a sua dignidade, indo entregar-se, humilhados, à Carris.

Os atropelamentos, os desastres, os choques, a inutilização de carros, a explosão da madrugada de ontem a quem atribui-lhe o lógico e verdadeiro sentido de uma normalização, que só anormalidades produz?

Mas há-de ficar eternamente, para descrédito deste regime, que em tudo que os mandões interveem, tudo complicam. Levam a discórdia onde existe a paz, substituem a ordem pela desordem. A prova está bem patente nesta agitação ininterrupta de quase doze anos na sociedade portuguesa.

Inveteraram uma política que se cifra em destruir tudo quanto o trabalho edifica, dar a miséria por prémio aos que trabalham, fazer correr inutilmente sangue.

Chegou-se à grove dos eléctricos: O resultado está sendo presenciado por todos, para que valha a pena ser novamente relatado.

Pois bem! Para se inventarem vítimas, para fingirem hipocritamente uma competência que não possuem, foram presos na manhã de ontem três militantes do pessoal da Carris.

Pretender-se há praticar a infâmia de os acusar de delitos que não cometeram.

Pode dizer-se que a greve dos eléctricos está tam normalizada, como a sociedade portuguesa o está, com o exército às portas de Lisboa.

O mais curioso é que os autores da «normalização» da viação eléctrica são alguns dos «normalizadores» da convulsionada sociedade portuguesa.

Está certo, diria Silva Porto.

Presos por questões sociais

Comissão central

Reúne hoje, pelas 21 horas, esta comissão para tratar de assuntos que se prendem com o funcionamento da mesma.

Mais uma vez se convida todos os organismos que ainda não nomearam os seus delegados a esta comissão, a fazê-lo o mais breve possível, afim de se activar os trabalhos que dizem respeito à situação das camaradas presas.

Instrução

Foi posta a concurso uma vaga de professor no 6.º grupo do liceu feminino de Lisboa.

O motivo que me obrigou a redigir estas linhas é muito eloquente e momentoso, pois trata-se nem mais do que protestar contra o nefando projecto premeditado com o qual nos pretende ameaçar de morte um homem sem escrúpulos, um legislador burguês, um político nacional.

A derrocada, prevista por todos nós, que em breves tempos aluirá o presente para dar início a uma nova era de realizações grandes e generosas, parece coisa remota e distante para os cépticos ad hoc que para aí passem o seu indiferentismo transcendental...

Logo não admira que o capitalismo nos seus estertores de animal sanguinário vomite com mais ardor as suas raivas impotentes, esbraceje e distenda tentáculos na ansia voraz de fazer vítimas...

A hegemonia da sociedade burguesa sobre o indivíduo continua a manter-se completa, pois, pátria, militarismo, religião, autoridade, tudo isso permanece intacto, até quando os povos se resolverem elaborar a destruição dessas ficções e com elas o seu significado metafísico.

A organização social hodierna tende a desaparecer pela violência, como é natural, dado que a evolução que a tudo preside e orienta é manifestamente obstada pelos mantenedores do presente, militares, juristas, padres, etc.

E ante a rebeldia de quem com toda a impetuosidade vislumbra uma sociedade libertária justa e equitativa, em que sejam proscribas para sempre a miséria, a fome e a prostituição, o parasitismo cevadosco de um e a tirania torquemesca de outros tantos; ante a re-

beldia (repito), dêsses que almejam destruir o existente lúgubre para fazer nascer o que existirá, ergue-se como uma negação bestial da Justiça e da Verdade, o espantoso negro de uma morte inglória, a força medíocre, a guilhotina, o pelourinho.

Quem não terá o direito, insólito aliás, de conceber outra humanidade que não esta, agrupamentos de seres conscientes congregando-se numa solidariedade de facto, sem leis ou dogmas, sem obrigação ou sanção?

Sim, senhores, o projecto de que lançamos mão um político republicano é o mais réfeco escárnio, a mais odiosa afronta que desde o advento da república tem sido cuspidá à face do povo português, ficando mais uma vez provado à evidencia que há muito bandido

que sem ser calabrês estadeia mui brutalmente os seus instintos de fera, premeditando o crime com volúpia, lançando o pasmo e a desordem por esse mundo além...

A agonia lenta do monstro, torna-se sinistra.

Em tudo isto há desconjuntamento, desigualdade, desmoronamento, profetizando-nos os acontecimentos, merced da desmoralização que reina, um desfecho contra o qual nada será possível. Aonde nos conduz o veículo do pensamento e a meticolosidade da observação só deslindamos pessimismo, descrença, e o mais leroz antagonismo que a realidade dos acidentes nos tem oferecido à vista. Logo, a necessidade de transformar os moldes do mundo moral e social é impreterível.

Sim, senhores. E' por causa do avizinhar irremediável da sociedade futura e libertária que um político burguês, um parlamentar democrata, aventou a triste ideia de restabelecer-se a pena de morte em Portugal.

Que «delicadesa» de princípios! Nada de platonismo, oh! povo. Todo aquele que achar louvável a possibilidade de tam extrema prepotência, defende o direito ignóbil e autocrático de nos assassinar; em indivíduos mente o de clamar meu inimigo e trato de precaver-me. Faz o mesmo, oh! povo, e põe-le em guarda.

Júlio NOVYTA
(Estudante)

PERANTE O CRIME

(Ao Povo Português)

II

A besta-fera, o ciclo já transposto, A noite negra, às prisões sombrias, Aos vermes dum passado decomposto, De emanções infectas e doentias,

À caverna do Mal, do vil rosto, Às fétidas entranhas das harpias, Foi-se buscar, sem pejo e sem desgosto, A hedionda ideia d'estes dias.

— «Que importa o Sol, a Luz, o Pensamento? «Pra que Ciência, Bem e Humanidade?... O Ódio se interroga desta sorte.

De razão cega e surdo sentimento, Ouve-se o Ódio dizer sem piedade: — Levanta-te, outra vez, — pena de morte!

Porém, ao vê-lo assim sinistro e torvo, Babando espuma verde e ascorosa, Sinistro e cruel qual negro corvo Que saboreia a presa saborosa,

Ao ouvi-lo dizer sem mór estorvo Aquele frase dura e rancorosa, O Povo lhe responde, presto: «Corvo! «Não somos um cadáver! radosa,

«Palpa a vida em nosso corpo são. «Temos do peito um forte sentimento «E nesta alma brilha um arrebol.

«Vai-te! Foge! Pena de morte — não! «Rompa-se, embora, as veias de tormento, «Mas que beije esta terra — o claro Sol!

Sobral de CAMPOS

MARÇO DE 1922

O protesto do proletariado

União dos Sindicatos Operários do Porto

PORTO, 8-T.—A União dos Sindicatos Operários do Porto na sua reunião do Conselho Federal protestou contra o monstruoso projecto da pena de morte, por representar um atentado contra a humanidade. — *Reboredo.*

Corticeiros de Sines

SINES, 8-T.—Os corticeiros de Sines protestam veementemente contra a pretensão do sr. Cunha Leal de restabelecer a pena de morte. — *Pela Secção Corticeira de Sines, Almeida.*

Empregados Menores das Encomendas Postais do Porto

Os empregados menores da Estação Central de Encomendas Postais do Porto escreveram nos protestando contra a pretensão do sr. Cunha Leal.

Rurais de Benavila

A Associação dos Trabalhadores Rurais de Benavila, na sua se são magna protestou contra o projecto do sr. Cunha Leal.

Juventude Sindicalista de Beja

BEJA, 8-T.—Os corpos gerentes da Juventude Sindicalista de Beja, reunidos em sessão extraordinária, protestam contra o vil projecto da pena de morte.

Impressores Tipográficos

Na última reunião da Associação dos Impressores Tipográficos foi aprovada

uma moção de protesto contra a pena de morte, com as seguintes conclusões: «1.º Protestar contra tal projecto, considerando-o retrógrado. «2.º Dar todo o apoio moral e material a todas as entidades que sobre o mesmo assunto se manifestem e necessitem do nosso auxilio.»

Rurais do Escoural

A Associação dos Trabalhadores Rurais do Escoural apoiando os propósitos do sr. Cunha Leal e a benéfica campanha de A Batalha, protestou contra a pena de morte.

Federação Nacional da Construção Civil

A comissão administrativa na sua reunião de ontem, tendo apreciado a tentativa que um político em evidencia pretende levar a efeito para ser restabelecida em Portugal a pena de morte, resolveu tornar público o seu protesto contra semelhante afronta ao direito à vida, lastimando que ainda haja neste país um homem, se tal nome se lhe pode dar, que pense em tal. Foi também resolvido aguardar que o político alvado diga o que pensa sobre a sua infeliz lembrança para depois resolvermos perante os Sindicatos da nossa indústria o caminho a seguir.

Um gesto digno dos ferroviários da C. P. em Campolide

Recebemos o eloquente abaixo assinado que a seguir gostosamente publicamos:

«Os abaixo assinados, ferroviários da C. P. em Campolide, tendo tomado conhecimento da tentativa do restabelecimento da pena de morte em Portugal, vemos independentemente das suas ideias

políticas, filosóficas ou sociais, perante o jornal A Batalha (único jornal que na imprensa portuguesa tem protestado contra semelhante crime) lavar o seu nome veemente protesto contra a criminosa ideia do liberalista sr. Cunha Leal, que em pleno século xx, e no 12.º ano de república democrática, pretende restabelecer uma lei, que pela monarquia foi julgada impraticável à face da sagrada lei da vida humana e do sentimento do povo português. Lisboa, 8 de Março de 1922. (Seguem cem assinaturas).

Federação Metalúrgica

Reuniu a comissão administrativa da Federação Metalúrgica, tendo depois de tomar diversas deliberações, aprovado por unanimidade um veemente protesto contra a pretensão de restabelecimento em Portugal da pena de morte.

Operários estuadores

Reuniu ontem a Secção dos Estuadores do Sindicato Único da Construção Civil, protestando contra a pena de morte e oferecendo o seu inteiro apoio a qualquer movimento que seja necessário levar a efeito para obstar a que a infâmia se pratique.

Secção Mobiliária da Juventude Sindicalista

A assembleia geral da Secção Mobiliária da Juventude Sindicalista protestou contra a pena de morte.

Operários do Município

Em reunião dos seus corpos gerentes antontem efectuada, restitiram protestar veemente contra a intenção criminosa do sr. Cunha Leal de restabelecer a pena de morte em Portugal, e a já abolida pena de morte, prevendo ao mesmo tempo todos os camaradas do Muni-

pio para que estejam alerta contra uma lei que só um coração empedernido poderá deixar aprovar.

A Juventude Sindicalista realiza hoje uma sessão de protesto

O Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa, realiza hoje, pelas 20 horas, uma sessão de protesto contra a pena de morte no Sindicato Único Metalúrgico, R. da Esperança, 204, 1.º.

Farão uso da palavra vários oradores representantes dos organismos operários e da F. J. S. e N. J. S. de Lisboa.

Sindicato Único Metalúrgico de Almada

Na sua última reunião foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

«1.º Protestar com toda a veemência contra o projecto do sr. Cunha Leal. «2.º Dar todo o apoio a qualquer movimento que a organização entenda dever levar à prática.»

Protestos individuais

Escreve-nos o camarada Amadeu S. Monteiro, uma vibrante carta de protesto contra a odiosa intenção do sr. Cunha Leal, em apresentar um projecto para o restabelecimento da lei da pena de morte.

O camarada Alberto Monteiro enviou-nos também o seu protesto, afirmando que a reacção que o sr. Cunha Leal pretende servir ainda não triunfará desta vez.

Francisco Rodrigues enviou-nos um cartão saudando A Batalha e protestando contra a pena de morte.

Lhu Mascarenhas Araújo escreveu-nos igualmente protestando.

NA GUARDA

O Grupo Souvarine protesta

GUARDA, 5.—C.—O Grupo Souvarine da Guarda protesta veemente, revoltado, contra a infame pretensão do sr. Cunha Leal em querer propor, na câmara dos deputados, o restabelecimento da pena de morte em Portugal. Considera esse gesto como o de um desorientado, de um louco, de um Cesar em embrião, talvez com o pensamento reservado de um dia subir ao poder e encontrar as armas sanguinárias capazes de satisfazerem toda a sua reprimida tirania. Considera o seu acto de defesa de António Granjo, e que tantas simpatias lhe conquistou, não o de um herói de alma grande, nobre e generosa, mas o de um herói de alma vil, abjecta, odienta. Por isso, compreende que Cunha Leal é digno do maior desprezo, da repulsa e do ódio de todos os portugueses que amam a liberdade e a vida.

SESSÕES DE PROTESTO

Na Juventude Sindicalista

Na sede do Sindicato Único Metalúrgico, rua da Esperança, 204, 1.º, realiza-se hoje uma sessão de protesto contra a pretensão do restabelecimento da pena de morte.

A sessão é promovida pelo Núcleo Juventude Sindicalista, e espera-se a concorrência do proletariado.

No Centro Comunista de Lisboa

Na sede deste organismo, rua do Arco Marquês Alegrete, 30, 2.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão pública de protesto contra a reacção tentativa de restabelecimento da pena de morte em Portugal, para a qual se convida todo o povo liberal a comparecer.

A tribuna desta sessão será livre, podendo fazer uso da palavra todos aqueles que se sintam revoltados contra tal infâmia.

Os Vendedores Ambulantes também formulam o seu protesto

Na sua reunião de ontem, esta colectividade deliberou repudiar por todos os meios ao seu alcance o projecto de lei sobre o restabelecimento da pena de morte.

Conferência de Génova

Declarações de Trotsky

Trotsky concedeu uma entrevista a Evans, representante da «International News Service» sobre os resultados prováveis da conferência de Génova. Disse ele, que se a América continua a isolar-se, a conferência de Génova terá de ser seguida doutra, a fim de que o equilíbrio europeu possa ser restabelecido. A América é um enigma para nós. Foi o único país, que veio em socorro dos esfomeados, mas isolou-se no domínio da política. Nem Génova, nem nenhuma outra conferência poderá restabelecer o equilíbrio mundial. Esta tarefa levará muito tempo a realizar-se. Agora parece que Lloyd George deseja verdadeiramente o sucesso da conferência. Ainda que a Inglaterra não trabalhe pela Rússia, trabalha paralelamente a ela. A Rússia e a Alemanha querem sinceramente resolver a questão: A França não é tam importante; ao contrário, a intervenção da América seria decisiva. Sobre a intervenção japonesa na Sibéria, Trotsky declarou:

«O meu ponto de vista, que certos camaradas partilham, é que certas pessoas na América, e talvez o próprio governo americano, ficariam muito satisfeitos de ver o Japão entrar-se no vespereiro siberiano, e calculem mesmo, que se a intervenção japonesa durasse a América interviria no momento propício, e daria uma lição ao Japão, por que poderia contar com o concurso da Rússia dos soviets.

AS GREVES

Pessoal da Carris

Se tivéssemos dúvidas sobre a influência dos reacionários no governo, elas pulverizam-se em meio ao momento pelo qual se vem presenciando com a greve do pessoal da Carris.

É a coroar todos os casos que são conhecidos, há a acrescentar o de terem sido ontem presos os camaradas Armando Martins, Cláudio dos Santos e José Augusto Martins, parecendo que para outros existe ordem de prisão, satisfazendo-se assim a vontade da reacção que não desarma, e muito especialmente a dum bando de diabolos e de demagogos pestilenciais numa folha da tarde.

Não tiveram dúvidas as autoridades em seguir à risca os seus conselhos, pondo-se assim francamente, claramente, a seu lado, prendendo operários honestos que praticaram o grande crime de saberem cumprir com o seu dever de solidariedade, acompanhando os seus camaradas na luta cheta de nobreza contra uma Companhia que os pretende esmagar.

Pode rejeitar com a vitória que acaba de obter, vindo rojar-se a seus pés as autoridades desta terra que com ele se vêm nivelando, pois só atendem a criaturas daquela espécie, pondo de parte a razão e a justiça que estão do lado da classe em luta, embora isso custe aos seus declarados inimigos.

É a reacção e a falta de carácter que ainda dominam, e cada vez mais, os nossos man'ões.

Que os trabalhadores se ponham em guarda com o salto que se vem preparando na sombra.

Reuniu novamente ontem esta classe para apreciar a marcha do conflito que continua sem uma única defecção. Presidiu João Matias Duarte, secretariado por Carlos Ribeiro e Artur Lopes.

O camarada presidente refere-se às arbitrárias prisões dos camaradas Armando Martins, Cláudio dos Santos e José Augusto Martins, esperando que em breve sejam postos em liberdade, pois que nenhum acto cometeram que justifique tal atitude. Aconselha a classe a manter-se unida e com calma, pois que a vitória será em breve um facto.

Manuel Rôlo, na mesma ordem de ideias do orador anterior, apela para que a classe não esmoreça e se mantenha firme e unida. Referindo-se aos camaradas presos, diz que não faz diferença, porque embora eles fossem determinados, outros apareceram mais revoltados para vingar a afronta feita àquelas camaradas e à classe em geral.

Manuel Marques, falando sobre o atentado dinamitista no Alferes, condena os autores desse acto tão vil e criminoso, pois que decorreu da já tão célebre Confederação Patronal mancomunada com outros bandidos para desmorientar a classe, e para justificar a prisão de alguns camaradas, julgando essas entidades que assim procedendo fariam morrer o movimento. Mas para substituir esses camaradas outros foram nomeados, para que as demarches possam continuar, aconselhando a classe a estar sempre vigilante, para se provar às autoridades que a classe é ordeira e disciplinada.

Termina com vibrantes vivas a greve, que são correspondidos pela assembleia.

É dada a palavra ao delegado do Núcleo Juventude Sindicalista do Barreiro, que num brilhante discurso aconselha a classe a manter-se unida, não fazendo caso das trices que se venham a preparar e assim continuando unidos a vitória não se fará esperar.

Fala a seguir um membro da comissão de melhoramentos, que depois de expor as demarches realizadas, protesta energicamente contra as prisões efectuadas, dizendo que nenhuma responsabilidade cabe sobre essas camaradas a não ser o de serem camaradas conscientes.

Diz constar-lhe que a Companhia está preparando uma nova armadilha, visto que as outras não têm dado o resultado que esperava, mas está certo de que a classe saberá responder com a sua união e só aceitando ordens do seu Comité, que serenamente vai acompanhando a marcha do movimento.

António Ferreira protesta contra a prisão das camaradas já citadas e bem assim contra o atentado levado a efeito, que em seu entender deve ser obra da patronal. Termina levantando vivas à C. G. T. e U. S. O., que são delirantemente correspondidos pela assembleia.

Diamantino Ferreira, diz que conforme fizeram o atentado, amanhã serão capazes de vir ao sindicato colocar objectos de responsabilidade para melhor indispor a opinião pública contra a classe. Protesta energicamente contra a maneira como são tratados os presos nas Salazas de Africa, onde andam acorrentados e são chicoteados a cavalo marinho, casos estes vistos pelo orador sendo repugnante tal maneira de tratar o elemento da classe burguesa.

Termina saudando o órgão dos trabalhadores, a C. G. T. e U. S. O., sendo correspondido pela classe.

António de Sousa, José da C. Andrade e Calçado aconselham a classe a manter-se unida, protestando também contra as prisões dos nossos camaradas e a maneira como a Patronal pretende, juntamente com a Companhia e governo, derrotar a classe.

Manuel Marques faz novas considerações sobre o movimento e prevendo que sejam capazes de encerrar o Sindicato, apela para a classe que siga dia a dia as notícias do jornal A Batalha, visto só este estar autorizado a trazer as notícias enviadas pelo Sindicato.

José Garcia envia para a mesa uma moção, que termina com as seguintes resoluções:

1.º Tornar responsáveis por tais actos os menueiros a sôdo da burguesia;

2.º Protestar inergicamente contra a prisão dos nossos camaradas;

3.º Ratificar a nossa confiança no nosso Comité e na Comissão de Melhoramentos até vitória final.

Esta moção foi aprovada por aclamação com um viva à greve.

Encerrou-se a sessão com vibrantes vivas à continuação da greve, à das classes marítimas e a todos os trabalhadores, C. G. T. e A Batalha, marcando-se a seguinte para hoje, às 15 horas.

NOTA OFICIOSA

Aos assalariados da Carris
Precados camaradas:—Ao aproximarem-se a ocasião em que a Companhia terá

que receber o seu pessoal, por ver frustradas as suas tentativas de um novo assalto à bolsa do povo lisboeta, alguém, com intuições de acarretar sobre esta classe os odios do povo de Lisboa, entretem-se a lançar bombas contra os carros, que a Companhia na idea de nos derrotar traz em circulação.

Camaradas:—O vosso Comité garante-vos que nenhuma responsabilidade tem nesses atentados, com o não preliha qualquer outro que venha a dar-se, pois são apenas da responsabilidade de quem os comete, ou seus mandatários.

Camaradas:—Talvez não erremos se vos dissermos que aqui nestes atentados anda o dedo de Sérgio Príncipe, como presidente da Confederação Patronal, que com o fim de nos esmagar, pretende atirar com esta classe para o abismo. Teriam também esses atentados outro fim que já há muito este Comité esperava. Sabeis qual é? Foi o que sucedeu hoje! E para justificar a prisão de dedicados camaradas nossos, como Armando Martins, Cláudio dos Santos, José Augusto Martins e outros que decerto não escapam à sanha feroz desses lacaios de burguesia.

Porém, camaradas da Carris, não tendo esta classe responsabilidade alguma no sucedido, continuai com energia na luta em que estamos empenhados porque as prisões que são feitas apenas com o fim de nos desmoralizar, outro efeito não têm que seja arregar mais em nós o espírito de burguesia.

Camaradas:—Desprezai os papões e continuai como até aqui unidos e solidários até que a vitória que se aproxima seja um facto.

Viva a greve!

Abaixo a Confederação Patronal.

O Sub-comité executivo.

Secção Metalúrgica das Juventudes Sindicalistas

Esta secção, apreciando o gesto altivo dos camaradas metalúrgicos das oficinas da G. N. R., recusando-se a manufaturar as peças pertencentes aos carros eléctricos, apela para a classe no sentido de limitar aquele admirável gesto, auxiliando assim os camaradas da Carris para que a vitória seja um facto.

Metalúrgicos: Mais uma vez é posta à prova a vossa consciência tantas vezes demonstrada.

Jovens sindicalistas: Quando algumas peças pertencentes aos carros eléctricos aparecerem nas vossas oficinas a conserto, sabeis cumprir com a vossa nunca desmentida solidariedade para com os camaradas em luta!

Operários do município

Afim de se pronunciarem sobre a greve do pessoal da Carris e bem assim as transacções exercidas tanto da parte do governo como da companhia contra o mesmo pessoal, convidam-se a reunir em sessão magna hoje, pelas 20 horas, na sua sede, Travessa Agua de Flor, todos os operários do município.

Que nenhum camarada falte, pois o movimento em que estes camaradas estão empenhados é honroso para todas as classes trabalhadoras.

Os metalúrgicos e a greve da Carris

Ainda não conseguiram manufaturar as peças que foram encomendadas às oficinas do parque da G. N. R., e que serviam para pôr em marcha os carros a funcionar.

Esses trabalhos estão paralisados e é de crer que se fôrem para outras oficinas suceder-lhes há outro tanto porque os metalúrgicos dessas oficinas, especialmente os fundidores, saberão responder com a sua solidariedade ao apelo do Sindicato Unico Metalúrgico a favor dos camaradas da Carris.

O acto de disciplina sindical, praticado pelos operários em questão, não deve parecer mal aos oficiais dirigentes das oficinas do parque da G. N. R., porquanto nada teve de hostil contra esses srs. de quem os operários não tem a menor queixa a fazer, mas sim deve esse acto ser tomado em consideração como prova de boa camaradagem igual à que por muitas vezes é prestada pelos mesmos oficiais para com os seus camaradas.

O sindicato espera que nenhum camarada fundidor, serralheiro ou torneiro vá preencher a vaga dos camaradas que outra coisa não fizeram senão o dignificarem-se.

Aos homens do mar em geral

É lamentável deveras. É triste como uma noite sem lua nem estrelas, que não seja hoje o dia que suba o pano no teatro desta ingrata vida, de forma que eu, glorificado Thalma, pudesse vir, desempenhar um papel livre e magnífico, retratando aos espectadores, como em sonhos de vitória, a vida miserável de uma classe que tanto luta para vencer um Direito!

Sinto, com a alma ferida até ao mais alto sentimento, que ainda não houvesse quem se movesse com os braços de justiça que as classes marítimas têm soltado! É esta a demonstração mais pura do desprezo que os governantes deste maldito país têm tido para com a marinha mercante nacional. Em todos os países onde há navegação, a marinha mercante é considerada como deve, e com esta as classes de que é composta! Em Portugal, é positivamente o contrário. Em Portugal, onde houve navegadores que tanto honraram a história; onde houve homens que foram por mares nunca dantes navegados, em busca de novos horizontes, tudo tem sido lançado às regiões do olvido, e não há quem queira ouvir o grito daqueles que abandonam o lar onde choram os entes mais queridos, a sentir a comoção da ausência e as chocantes sensações das partidas e chegadas!

Nunca há quem defenda esses desgraçados nas suas razões! Porém, não se descomulsem! Defendo-os eu. Não sou, bem sei, um vulto valorizado no meio das grandes categorias, nem um ilustre parlamentar, mas basta que seja honesto e com um passado e presente limpos, e conheça de que lado está a consciência humana.

A greve vai-se prolongando com prejuizo para milhares de pessoas e o conflito agrava-se, e porque?

Porque espiritos mal esclarecidos co-

meçam por forjar banalidades, declarando sem justo conhecimento de causa que esta greve é de carácter revolucionário, quando afinal o seu único carácter é a necessidade de mais pão.

Dizem ainda estes mesquinhos detratadores, que há marinheiros antigos que não se importam de ir para o mar com as suas vidas antigas.

Eu acredito: e a prova mais evidente de que a sociedade está tam mal constituída como isso. Os que assim querem proceder, são ignorantes que não conhecem que pela solidariedade se vence sem lutar, enquanto que os novos, não se vendendo, preferem morrer agonizando com fome mas não afrontar um Direito. São muitas vezes esses que vendem a consciência, os únicos responsáveis pelas lutas que se travam, desligando-se delas quando a estupidez os domina! E vós, trabalhadores do mar, sem distinção de categorias: onde está aquele sangue que vos legaram os vossos avós?

Onde está o decantado progresso e civilização que tanto se tem propagado? Ninguém sabe? Sei eu!... mas, há de sabê-lo mais tarde. Seja como for. O que não podem são as classes marítimas estar tanto tempo à mercê duma política problemática. O caso tem de ser resolvido o mais breve possível, e eu, não tenho procuração do Comité, para falar assim, mas posso garantir às classes íntimas e máximas, que nesta greve não há só uma parcela de carácter revolucionário, e não há de terminar com o tiro do canhão.

Quem assim pense, está mal informado: só um espírito gracioso se lembraria de tal. A greve há de terminar num dia esplêndido ou tempestuoso, e o fogo de armas que pode haver, é aquele fogo de alma que todos sentem à espera de mais uma migalha: Para mais, as classes marítimas são formadas de homens que trabalham para não morrer de fome e não de grandes que gerem as revoluções no espírito pouco culto dos nossos marinheiros!

Tantos os operários, como os camponeses, declararam que não estavam contentes com o actual regime comunista. Estava-se melhor no tempo do tzar, disseram eles; todavia, não desejam voltar ao velho regime.

«Todos os governos fazem leis para oprimir. Da revolução esperávamos outros benefícios».

Preguntou a alguns operários o que fariam no caso em que recorressem a uma nova revolução, e estes responderam: «Por enquanto esperamos, mas se tivéssemos de recorrer a esses meios procuraríamos fazer as coisas melhor».

E como conclusão: «É certo que assim não se vai para diante».

Entre vossos conhecimentos, Brupbacher encontrou, em Moscú, Toni Walbel, um jovem ardente e entusiasta, cheio de fé revolucionária, que se achava muito desiludido das coisas da Rússia.

Brupbacher referiu diversos episódios da sua viagem no distrito de Kasan, onde se sofre o flagelo da fome. Característico é o facto de que apesar da grande miséria daquelas aldeias, nas cidades como Kasan reina uma especulação desenfreada, obtendo-se a pão de dinheiro tudo que se deseja.

O orador procurou sobretudo tornar conhecida a falência da burocracia do Estado. Inútil é falar do comunismo na Rússia. Não foi o comunismo, que ali ali, pois que dele não se vêem traços, a burocracia verdadeira, a burocracia completa deus-na burocracia estatal, no centralismo, no chamado socialismo de Estado.

Falando com Bucarine, este disse-lhe que se espera muito da electrificação, que será aplicada em grande escala até nas aldeias; e que os camponeses serão levados a intensificar a produção, mostrando-se talvez menos adversos ao regime bolchevista.

O camponeses, porém, odeiam os comunistas. As continuas requisições, que lhes fazem, para manterem o exército vermelho, e o modo como foi feita a divisão da terra, dificilmente os poderão reconciliar com o odioso regime instaurado.

Sofria-se fome sob o regime tsarista, mas agora falta tudo aos operários e camponeses, e o pior mal é que estes vão perdendo o estímulo ao trabalho, com enorme prejuizo da produção.

Brupbacher conseguiu falar a Alexandra Kollontay, que se encontra agora na oposição. Disse ela que o meio melhor para salvar a Rússia do caos actual, era entregar a direcção de toda a produção económica aos sindicatos, sem as custumadas interferências governamentais.

A propriedade privada está bem defendida agora. A porta dos grandes armazens estacionam guardas e policias armados.

Aparas de tudo isto, Brupbacher disse que, segundo a sua opinião, o actual governo deve conservar-se no poder. Se este casse, e surgisse no seu lugar um governo branco, seriam executados todos os revolucionários e a revolução social seria adiada para muito tarde.

(Extraído da «Unidade Nova» de 24 de fevereiro de 1922).

No Coliseu dos Recreios

O francês Marius, boxeur de uma reputação sólida, homem que no ano passado empunhou com Mario Gall, tem hoje a noite, no Coliseu, um novo adversário, tem como oponente, pelo menos, como Faustino Pereira, mas talvez mais resistente ainda. Trazer Tavares Crespo a Lisboa era o dever de quem tem organizado os dois últimos espectáculos de box, porque Tavares Crespo é um rival de Rêlvio e de Faustino e vai em breve disputar o título de campeão de Portugal dos meio-médios, e portanto, um combate entre ele e o francês era de excepcional interesse, depois de termos visto contra o francês os nossos dois melhores homens do sul. Bastava este combate internacional para valorizar um cartaz, mas o organizador foi mais longe e conseguiu também, para hoje, um combate entre o excelente pugilista Maurício Pedrini, combatente e professor, e o nosso já muito querido e popular Faustino, que, apesar de menos pesado, acciout o seu adversário a uma decisão de sempre. Ambos os combates estão ajustados em 10 rounds de 3 minutos, com lutas de 6 onças e serão arbitrados o de Faustino pelo sr. Rosa Brito e o de Tavares Crespo pelo sr. Xavier de Araújo.

Esta ainda no programa dois combates de 4 rounds com lutas de 6 onças entre: um francês, entre os srs. César Ramina e F. Rodrigues e o outro entre os srs. J. Araújo e F. Brito, em desforra do combate do dia 2, que terminou com a vitória de Brito.

Desde o meio dia marçues, no Coliseu, reservados de fauleis. A noite, programas ilustrados dirão a ordem dos combates.

Universidade Popular Portuguesa

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na 4.ª secção desta Universidade, no Campo de Santa Clara, 87, 1.º, mais uma conferência sobre as grandes invenções e descobertas científicas pelo professor Ferreira do Macedo.

Na 5.ª secção da Universidade Popular, instalada na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, continua hoje, às 21 horas, o dr. Câmara Reis a sua interessante palestra sobre As questões morais e sociais na literatura.

A entrada é franca.

Bairro Económico da Ajuda

Reúnem hoje às 17 horas, depois de terminar o trabalho os operários que trabalham no Bairro Económico da Ajuda. A reunião que é promovida pela comissão de melhoramentos do S. U. da Construção Civil, efectua-se na secção sindical de Belem.

Sociedades de recreio

Concentração Musical 24 de Agosto.—Reúne hoje em assembleia geral para apreciar a suspensão de vários socios.

TEATRO S. LUIZ

Companhia de opereta

ARMANDO VASCONCELOS

da qual faz parte a actriz

AUSENDA D'OLIVEIRA

HOJE:

5.ª representação-reprise da opereta

Amor de máscara

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

Nacional

Telef. C. 2049

1.ª recita

extraordinária

HOJE

Companhia Francesa de

Madame PIÉLAT

sob a direcção de Lugne Poe

A representação da peça em 4

actos, de BATAILLE

LA MARCHE NUPITALE

MARIE THERÈSE PIÉLAT

no papel de Gracé Plateane

LUGNE POE no de Eugène

LA MARCHE NUPITALE

Noticias

LANIFICIOS

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º ANDAR
Lisboa-Portugal

Capital 500:000\$00—Reservas: 640:696\$14,7
SEDE EM LISBOA DELEGACÃO NO PORTO
a Garrett, 95—Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º
Tel. 1459

Indadores: Lêde e propagai a BATALHA